

CENAS DO FAZER POLÍTICA E MODOS DE (R)EXISTÊNCIA ENTRE OS KAIOWÁ E GUARANI

CARELLI, Vincent (Diretor); Carvalho, Ernesto de; Almeida, Tatiana Soares de. Martírio: a insurgência pacífica e obstinada dos povos Guarani Kaiowá. Filme-documentário: Vídeo nas Aldeias, 2016.

Por

DIÓGENES E. CARIAGA¹

Nimuendaju (1987, p. 71) em sua etnografia sobre os Apapokuva² escreveu que “os próprios Guarani não creem mais em futuro algum” externando sua desolação com o futuro dos Guarani a partir de sua incursão no Sul do então Mato Grosso, região recém anexada ao Brasil ao fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai nos fins do século XIX. O autor enfatiza a religião como articuladora de toda vida social guarani, englobando a mitologia, a cosmologia e a história, expressando um pessimismo diante a

1 Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Email: didioems@gmail.com.

2 O etnólogo alemão Curt Unkel Nimuendaju realizou uma descrição fundamental à etnologia indígena nas terras baixas da América do Sul a partir de seu campo junto ao Apapokuva, coletivo falante de língua guarani no início do século XX, no sul do atual Mato Grosso do Sul. O emprego dos nomes, etnônimos, grupos e parcialidades guarani é um campo em disputa na literatura do grupo. Todavia, a partir do trabalho de Schaden (1974) se convencionou dividi-los em três grupos: Kaiowá, Nhandeva e Mbyá. Entretanto, pesquisas sobre redes guarani têm contribuindo para este debate a partir dos modos de territorialidade, mobilidade e das transformações dos nomes/grupos entre os coletivos guarani a fim de demonstrar o entrelaçamento de redes de parentesco e territorialidade ao longo da história do contato.

impossibilidade de existência do grupo devido ao aumento da presença dos brancos na região.

O ingresso do século XX e a criação da política indigenista republicana incidiram profundamente nos modos de vidas e de habitação das parentelas kaiowá e guarani que antes viviam em expressiva mobilidade pela região, mas que tiveram seus circuitos de vida e redes contingenciadas pela ação do Serviço de Proteção aos Índios e pelo recolhimento compulsório das parentelas aos postos indígenas, processo descrito por Brand (1997) como confinamento.

O documentário *Martírio* (2017) dirigido por Vicent Carelli e co-dirigido por Ernesto de Carvalho e Tatiana Almeida se foca em narrar ao espectador os efeitos e as transformações deste acontecimento, emprego aqui no sentido elaborado por Stengers (2002) na vida dos Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul³. De início é realizada uma longa digressão histórica para situar quais caminhos irão sustentar a narrativa que relata desde os contatos iniciais com os *karai – não indígenas/brancos* e o progressivo aumento da violência e tensão fundiária atual devido à lentidão do Estado Nacional em identificar e demarcar as terras de habitação tradicional kaiowá e guarani, os *tekoha*⁴.

Neste filme, o diretor dá continuidade ao estilo documental iniciado em *Corumbiara* (2009), que difere da proposta de autoria colaborativa com diferentes povos indígenas no Brasil iniciada pelo Vídeo Nas Aldeias⁵,

3 Martírio. A insurgência pacífica e obstinada dos povos Guarani Kaiowá. Direção Vincent Carelli, em colaboração com Ernesto de Carvalho e Tatiana Soares de Almeida: Vídeo nas Aldeias. Documentário, 2016. 2h40min.

4 Existe uma vasta literatura na etnologia sobre os Kaiowá a respeito deste conceito, todavia, o argumento proposto por Melià, Grünberg & Grünberg (2008, p. 131) *tekoha es el lugar en que vivimos según nuestros costumbres*. Contudo, entendo que *tekoha* refere-se as relações entre humanos, não humanos e paisagens, a produção de pessoas, ao parentesco, aos modos de fazer e desfazer coletivos e paisagens, assim como a seus modos de habitação, não fixando a categoria sócio-organizacional como um efeito da longa história do contato com os não indígenas, mas como um eixo que orienta a reflexão kaiowá e guarani sobre seus modos de existência.

5 Para conhecer melhor o projeto sugiro as páginas <https://vimeo.com/videonasaldeias>,

ou seja, *Martírio* não é um filme colaborativo que traz a perspectiva de realizadores indígenas, trata-se de um projeto autoral, narrado em primeira pessoa, pela voz em *off* do diretor que rememora suas memórias afetivas da primeira vez que foi ao encontro das famílias kaiowá e guarani nos anos 1980, chegando até os dias atuais marcado pelo ação violenta do agronegócio e seus personagens, a fim de produzir uma obra que tem um caráter de manifesto. O filme nos deixa entrever os muitos modos kaiowá e guarani do fazer político contemporâneo diante da intensificação das relações com os brancos, seus modos de ser, poderes e tecnologias – *karai reko kuera*.

As formas do fazer política kaiowá e guarani ao longo do filme emergem tendo como fio condutor o impacto que os cantos-rezas kaiowá e guarani *jerosy puku* tiveram sobre o diretor do documentário em seus registros iniciais do que ele chama de “transe religioso”. Todavia, não se trata nem de transe e nem de religião nos termos como conhecemos resultantes de um estado alterado de consciência que prescinde de vínculos institucionais e com moralidades definidas *a priori*, como sagrado e profano, fragmentando relações e define de antemão o social, o religioso. O que os Kaiowá e os Guarani retratados no documentário realizam pode ser melhor compreendido na chave política da diferença que nos colocam de frente as expressões do fazer político que mediam mundos, entes, patamares, artefatos em linguagens que associam o xamanismo, a cosmologia, a mitologia à noção de pessoa kaiowá e guarani.

O manifesto contido no filme extrapola a câmera do diretor porque a autoria política das ações registradas é dos Kaiowá e Guarani, são eles que reclamam para si a agência diante dos modos violentos como parte da sociedade nacional e seus representantes políticos procuram criar um ambiente hostil aos indígenas. Em uma das cenas, agentes da Polícia Federal, Força Nacional de Segurança chegam a uma área retomada e tentam notificar a pessoa responsável (o líder) daquele lugar. Naquele momento, uma mulher

<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/> e os artigos de Dominique Gallois e Vicent Carelli (1995) e de Schuler (1998).

indígena rebate imediatamente dizendo que naquela retomada não tem um líder, porque todo mundo é líder, manifestando que até o cachorrinho o é. Esta passagem nos coloca diante daquilo que singularizou a experiência do etnólogo francês Pierre Clastres juntos aos Guarani, sobre a qual ele formulou o problema do poder nas sociedades ameríndias, definindo-as como sociedades contra o Estado (CLASTRES, 2003).

O que Clastres pode vivenciar e aprender com os Guarani é que a política está em tudo e está em nada, ao mesmo tempo, vide o clássico exemplo da controvérsia entre o líder sem poder e o poder da palavra sob a qual se assenta a ontologia da chefia e liderança guarani. São inúmeras as situações que estes modos de fazer política kaiowá e guarani são captadas pelas lentes dos diretores, onde pessoas comuns ao portarem seus adornos corporais, feitos não somente de coisas visíveis, como roupas, *mbaraká*, *mymby*, *jeguaka*, mas, também de coisas que só podem ser vistas, ouvidas e vestidas por eles, se transformam em agentes da mediação entre mundos, porque os cantos-rezas entoados criam caminhos entre as pessoas na terra e os seres celestes que habitam os patamares do cosmos kaiowá e guarani.

Entre estes patamares no mais alto, o *Kurusu Amba* vive *Paĩ Kwára*, um dos irmãos mais velhos dos Kaiowá e Guarani (*Nhanderike'ý*) junto com seu pai *Nhande Ramõi* (Nosso Avô) de onde eles enviam o *nhẽ'e* (alma-palavra) para vir conviver com seus parentes humanos na terra, para tomar assento nos corpos das pessoas recém-nascidas, reestabelecendo a condição de devir entre os limites da humanidade possível para os Kaiowá e Guarani. Pois, como notou Clastres (1990, p. 112), “as crianças, constituem assim, uma mediação entre humanos e deuses”. O tom manifesto do documentário é dos Guarani e dos Kaiowá, captado com honestidade pelos realizadores que produziram uma obra necessária para que mais pessoas possam escutar as belas palavras guarani que tanto encantam os que podem partilhar com as famílias estas experiências que mexem profundamente com quem se relaciona com eles, para que possamos compreender melhor o investimento destas pessoas em produzir outras pessoas que possam viver nos seus locais de origem, onde possam fazer muitas festas, cheias de cantos, danças e rezas, em suma: em seus *tekoha*.

REFERÊNCIAS

BRAND, Antonio Jacob. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Tese de Doutorado, História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

CARELLI, Vicent, CARVALHO, Ernesto e ALMEIDA, Tatiana. *Martírio*. Vitrine Filmes, Brasil, 2017, 160 min.

CARELLI, Vicent. *Corumbiara*. Brasil, 117 min.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. *A Falada Sagrada*. Mitos e Cantos Sagrados dos Índios

GALLOIS, Dominique e CARELLI, Vicent. Vídeo e Diálogo Cultural – experiência do projeto Vídeo Nas Aldeias. *Horizontes Antropológicos*, ano 01, n. 2, Porto Alegre, jul/set, 1995, p. 61 – 72.

MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, G, & GRÜNBERG, P. *Etnografia Guarani del Paraguai Del Contemporanea*. Los Paĩ-Tavyterã. Asunción: CEPAG, 2008, 2 ed.

NIMUENDAJU, Curt U. *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião Apapokuva-Guarani*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1987.

SCHULER, Evelyn M. Z. Pelos olhos de Kasipirinã: Revisitando a Experiência Waiãpi do Vídeo Nas Aldeias. *Revista Sexta-feira nº2 – Festas*. Ano 2, n.2, 1998, p. 32-40.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974 (3ª ed.)

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.